

O CONDE DE
MONTE
CRISTO



TOMO 3

Tradução: Frank de Oliveira

O CONDE DE
**MONTE
CRISTO**



TOMO 3

ALEXANDRE
DUMAS



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2022 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
Le Comte de Monte-Cristo

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Alexandre Dumas

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Frank de Oliveira

Design de capa
Edilson Andrade

Preparação
Walter Sagardoy

Imagens
Rawpixel/Freepik.com

Revisão
Maitê Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D886c Dumas, Alexandre

O conde de Monte Cristo: Tomo 3 / Alexandre Dumas; traduzido por Frank de Oliveira. - Jandira, SP : Principis, 2022.
512 p. ; 15,50cm x 22,60cm. - (Clássicos da literatura mundial - luxo)

Título original: Le Comte de Monte-Cristo
ISBN: 978-65-5552-594-6

1. Literatura francesa. 2. Romance. 3. Vingança. 4. Prisão. 5. Marinheiro. 6. Plano. I. Oliveira, Frank de. II. Título. III. Série.

2022-0084

CDD 843
CDU 821.133.1-3

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Francesa : Ficção 843
2. Literatura Francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Haydée	1031
Escrevem-nos de Janina.....	1055
A limonada.....	1077
A acusação.....	1091
O quarto do padeiro aposentado.....	1098
O arrombamento	1119
A mão de Deus.....	1136
Beauchamp.....	1144
A viagem.....	1153
O julgamento	1167
A provocação	1183
O insulto	1191
A noite.....	1203
O encontro	1213
A mãe e o filho.....	1228
O suicídio	1236
Valentine.....	1247
A confissão	1256
O pai e a filha	1271
O contrato.....	1281

A estrada para a Bélgica.....	1294
O Hotel do Sino e da Garrafa.....	1302
A lei	1317
A aparição.....	1329
Locusta.....	1338
Valentine.....	1346
Maximilien	1354
A assinatura Danglars.....	1365
O cemitério do Père-Lachaise.....	1378
A partilha.....	1394
A cova dos leões.....	1412
O juiz.....	1421
O júri.....	1433
A peça de acusação.....	1441
Expição.....	1450
A partida.....	1461
O passado	1475
Peppino	1490
O cardápio de Luigi Vampa.....	1503
O perdão	1512
O 5 de outubro.....	1519



HAYDÉE

Mal os cavalos do conde viraram a esquina do boulevard, Albert voltou-se para o conde e desatou a rir, mas de maneira ruidosa demais para não ser um pouco forçada.

– Muito bem! – disse ele. – Pergunto-lhe como o rei Carlos IX perguntava a Catarina de Médici depois da noite de São Bartolomeu: como acha que me saí em meu pequeno papel?

– Do que está falando? – perguntou Monte Cristo.

– Da instalação do meu rival na casa do senhor Danglars...

– Que rival?

– Meu Deus! Que rival?! Seu protegido, o senhor Andrea Cavalcanti!

– Oh, deixe de piadas de mau gosto, visconde. Não protejo de modo algum o senhor Andrea, pelo menos junto ao senhor Danglars.

– Eu o censuraria por isso se o rapaz necessitasse de proteção. Mas, felizmente para mim, ele pode prescindir disso.

– Como! Acredita que ele a está cortejando?

– Respondo-lhe: ele revira os olhos suspirando e modula sons de apaixonado, aspira à mão da orgulhosa Eugénie. Olhe, acabo de fazer um verso!

Palavra de honra, não é culpa minha. Não importa, repito: ele aspira à mão da orgulhosa Eugénie.

– Que importa se só pensam no senhor?

– Não diga isso, meu caro conde, maltratam-me dos dois lados.

– Como dos dois lados?

– Sem dúvida: a senhorita Eugénie mal me respondeu e a senhorita d’Armillly, sua confidente, não me disse absolutamente nada.

– Sim, mas o pai o adora – observou Monte Cristo.

– Ele? Muito pelo contrário, enfiou mil punhais no meu coração. Punhais retráteis, é verdade, punhais de tragédia, mas que ele julgava reais.

– O ciúme indica afeição.

– Sim, mas não estou com ciúme.

– Pois ele está.

– De quem? De Debray?

– Não, do senhor.

– De mim? Aposto que antes de oito dias ele me fechará a porta no nariz.

– Está enganado, meu caro visconde.

– Dê-me uma prova.

– O senhor a quer?

– Sim.

– Estou encarregado de pedir ao senhor conde de Morcerf que faça uma diligência definitiva junto ao barão.

– Por quem?

– Pelo próprio barão.

– Oh! – exclamou Albert com toda a meiguice de que era capaz. – O senhor não fará isso, não é mesmo, meu caro conde?

– Está enganado, Albert, vou fazê-lo, pois já o prometi.

– Vamos – disse Albert com um suspiro –, parece que o senhor faz questão de me casar.

– Faça questão de estar bem com todo mundo; mas, a propósito de Debray, nunca mais o vi na casa da baronesa.

– Houve uma desavença.

– Com a senhora?

– Não, com o senhor.

– Então ele percebeu alguma coisa?

– Ah! Boa piada!

– Acha que ele desconfiava de algo? – fez Monte Cristo com encantadora ingenuidade.

– Ora essa! Mas de onde o senhor vem, meu caro conde?

– Do Congo, se quiser.

– Ainda não é longe o bastante.

– Eu conheço os maridos parisienses?

– Ora, meu caro conde, os maridos são iguais em toda parte. A partir do momento em que estudamos o indivíduo de um país qualquer, conhecemos a raça.

– Mas então qual pode ter sido a causa da desavença entre Danglars e Debray? Pareciam se entender muito bem – disse Monte Cristo, com novo ímpeto de ingenuidade.

– Ah, pronto! Entramos nos mistérios de Ísis, e não sou iniciado.

Quando o senhor Cavalcanti filho for da família, pergunte-lhe isso.

A carruagem parou.

– Chegamos – disse Monte Cristo. – São apenas dez e meia, suba.

– Com o maior prazer.

– Minha carruagem o levará depois.

– Não, obrigado, meu cupê deve ter nos seguido.

– Sim, lá está ele – disse Monte Cristo, apeando.

Os dois entraram na casa; o salão estava iluminado, foram para lá.

– Prepare um chá para nós, Baptistin – disse Monte Cristo.

Baptistin saiu sem dizer uma palavra. Dois segundos depois, reapareceu com uma bandeja pronta e que, como as refeições das peças feéricas, parecia sair do chão.

– Na verdade – disse Morcerf –, o que admiro no senhor, meu caro conde, não é sua riqueza, talvez haja pessoas mais ricas; não é seu espírito, Beaumarchais não o superava, mas tinha o equivalente; é a sua maneira de

ser servido, sem que lhe digam uma palavra, no mesmo minuto, no mesmo segundo, como se adivinhassem, pela maneira como o senhor pede o que deseja e como o que deseja está sempre pronto.

– O que diz é um pouco verdade. Conhecem meus hábitos. Por exemplo, veja: não deseja fazer alguma coisa enquanto toma o seu chá?

– Bem, apetece-me fumar.

Monte Cristo aproximou-se da campainha e tocou uma vez.

Ao cabo de um segundo, uma porta especial se abriu e apareceu Ali com dois chibiques cheios de excelente tabaco *latakia*.

– É maravilhoso! – exclamou Morcerf.

– Não, é muito simples – respondeu Monte Cristo. – Ali sabe que quando tomo chá ou café geralmente fumo, sabe que pedi chá, sabe que cheguei com o senhor, ouve-me chamá-lo, supõe por que motivo, e como é de um país onde a hospitalidade se exerce sobretudo com o cachimbo, em vez de um chibique, traz dois.

– Certamente, é uma explicação como qualquer outra; mas não é menos verdade que como o senhor não existe outro... Oh, mas o que ouço?

E Morcerf inclinou-se para a porta, pela qual entravam efetivamente sons correspondentes aos de um violão.

– Palavra de honra, meu caro visconde, esta noite o senhor está devotado à música; só escapou do piano da senhorita Danglars para cair na *gusla* de Haydée.

– Haydée! Que nome adorável! Então realmente existem mulheres que se chamam Haydée sem ser nos poemas de Lorde Byron?

– Claro, Haydée é um nome muito raro na França, mas bastante comum na Albânia e no Épiro; é como se o senhor dissesse, por exemplo, castidade, pudor, inocência; é uma espécie de nome de batismo, como dizem os parisienses.

– Oh, como é encantador! – exclamou Albert. – Como eu gostaria que nossas francesas se chamassem senhorita Bondade, senhorita Silêncio, senhorita Caridade Cristã! Imagine se a senhorita Danglars, em vez de se chamar Claire-Marie-Eugénie, como se chama, se chamasse senhorita

Castidade-Pudor-Inocência Danglars, caramba, que efeito isso teria em um convite de casamento!

– Louco! – disse o conde. – Não gracieje tão alto, Haydée poderia ouvi-lo.

– E se zangaria?

– Não – respondeu o conde com seu ar altivo.

– É boa pessoa? – perguntou Albert.

– Não se trata de bondade, mas de dever. Uma escrava não se zanga com seu amo.

– Vamos! Não gracieje o senhor agora. Ainda existem escravos?

– Sem dúvida, uma vez que Haydée é minha.

– Com efeito, o senhor não faz nada e não tem nada igual aos outros. Escrava do senhor conde de Monte Cristo! Isso dá prestígio na França. Da maneira como o senhor mexe com o dinheiro, é um lugar que deve valer cem mil escudos por ano.

– Cem mil escudos! A pobre criança já teve mais que isso: ela veio ao mundo deitada sobre tesouros, perto dos quais os das *Mil e uma noites* são pouca coisa.

– Então ela é mesmo uma princesa?

– Como o senhor está dizendo, acrescento que é uma das maiores de seu país.

– Eu suspeitava. Mas como uma grande princesa se tornou escrava?

– Como Dionísio, o Tirano, se tornou professor primário? O acaso de guerra, meu caro visconde, o capricho da sorte.

– E o nome dela é segredo?

– Para todo mundo, sim; mas não para o senhor, caro visconde, que é meu amigo e se calará, não é mesmo? Promete calar-se?

– Oh, palavra de honra!

– Conhece a história do paxá de Janina?

– De Ali-Tebelin? Sem dúvida alguma, pois foi ao seu serviço que meu pai fez fortuna.

– É verdade! Tinha esquecido.

– Pois bem! O que Haydée é de Ali-Tebelin?

– Sua filha, simplesmente.

– Como? Filha de Ali-Paxá?

– E da bela Vasiliki.

– E ela é sua escrava?

– Oh, meu Deus, sim!

– Como é possível?

– Ora essa, comprei-a um dia quando estava passando pelo bazar de Constantinopla.

– Esplêndido! Com o senhor, meu caro conde, não se vive, sonha-se. Agora ouça, é muito indiscreto o que vou lhe pedir.

– Diga.

– Mas já que o senhor sai com ela, que a leva à Ópera...

– E então...

– Posso arriscar-me a pedir-lhe isso?

– O senhor pode arriscar-se a me pedir tudo.

– Pois bem! Meu caro conde, apresente-me à sua princesa.

– Com muito prazer, mas com duas condições.

– Aceito-as antecipadamente.

– A primeira é que não revelará essa apresentação a ninguém.

– Muito bem! (Morcerf estendeu a mão.) Eu juro.

– A segunda é que não lhe dirá que seu pai serviu o dela.

– Juro também.

– Ótimo, visconde. O senhor se lembrará desses dois juramentos, não é mesmo?

– Oh! – fez Albert.

– Muito bem. Sei que é um homem de honra.

O conde tocou a campainha novamente; Ali reapareceu:

– Avise Haydée – disse ele – que vou tomar o café em seus aposentos, e faça-a compreender que peço permissão para lhe apresentar um de meus amigos.

Ali se inclinou e saiu.

– Então está combinado, nada de perguntas diretas, caro visconde. Se desejar saber alguma coisa, pergunte-me e eu perguntarei a ela.

– Combinado.

Ali reapareceu pela terceira vez e manteve o reposteiro levantado para indicar ao amo e a Albert que podiam passar.

– Entremos – disse Monte Cristo.

Albert passou a mão pelos cabelos e cofiou o bigode; o conde pegou o chapéu, calçou as luvas e precedeu Albert nos aposentos que Ali guardava como sentinela avançada e defendidos como um posto pelas três camareiras francesas comandadas por Myrtho.

Haydée os esperava no primeiro cômodo, que era a sala, com os olhos arregalados de surpresa. Era a primeira vez que um homem além de Monte Cristo entrava em seus aposentos. Estava sentada num sofá em um canto, com as pernas cruzadas sob o corpo e fizera para si, por assim dizer, um ninho com os mais ricos tecidos de seda listrada e bordada do Oriente. Perto dela estava o instrumento cujos sons a tinham denunciado; ficava encantadora assim.

Ao ver Monte Cristo, levantou-se com o duplo sorriso de filha e amante que só ela tinha. Monte Cristo foi em sua direção e estendeu-lhe a mão, na qual, como sempre, ela pousou os lábios.

Albert ficara perto da porta, sob o domínio daquela beleza estranha que via pela primeira vez e da qual não se fazia ideia na França.

– Quem me traz? – perguntou em romaico a jovem a Monte Cristo.

– Um irmão, um amigo, um simples conhecido ou um inimigo?

– Um amigo – disse Monte Cristo na mesma língua.

– Seu nome?

– O visconde Albert, aquele que tirei das mãos dos bandidos em Roma.

– Em que língua quer que lhe fale?

Monte Cristo voltou-se para Albert:

– Fala grego moderno? – perguntou ao rapaz.

– Quem me dera! – exclamou Albert. – Nem mesmo grego antigo, meu caro conde. Nunca Homero e Platão tiveram mais pobre e, ousado até dizer, mais desdenhoso estudante.

– Então – disse Haydée, provando com suas próprias palavras que entendera a pergunta de Monte Cristo e a resposta de Albert –, falarei em francês ou em italiano, se meu amo desejar que eu fale.

Monte Cristo refletiu um instante:

– Fale em italiano – disse.

Depois, voltando-se para Albert:

– É uma pena que não entenda o grego moderno ou o grego antigo, pois Haydée fala ambos admiravelmente. A pobre pequena será obrigada a falar em italiano, o que talvez lhe dê uma falsa ideia a seu respeito.

Ele fez um sinal para Haydée.

– Seja bem-vindo, amigo, que vem com meu senhor e amo – disse a jovem em excelente toscano, com aquele suave sotaque romano que torna a língua de Dante tão sonora quanto a de Homero. – Ali, café e cachimbos!

E Haydée fez com a mão um sinal para Albert se aproximar, enquanto Ali se retirava para cumprir as ordens de sua jovem ama.

Monte Cristo indicou a Albert dois bancos dobráveis e cada um foi pegar o seu para trazê-lo até uma espécie de mesinha alta em que um narguilé ocupava o centro, tendo em volta uma profusão de flores naturais, desenhos e álbuns de música.

Ali voltou com o café e os chibouques. Quanto ao senhor Baptistin, aquela parte da casa lhe era vedada.

Albert recusou o cachimbo que o núbio lhe apresentava.

– Oh, aceite, aceite – disse Monte Cristo. – Haydée é quase tão civilizada quanto uma parisiense: o Havana lhe é desagradável porque não aprecia os odores fortes; mas o tabaco do Oriente é um perfume, como sabe.

Ali saiu.

As xícaras de café estavam preparadas. Um açucareiro fora trazido para Albert. Monte Cristo e Haydée tomavam a bebida árabe à maneira dos árabes, ou seja, sem açúcar.

Haydée esticou a mão e pegou com a ponta dos dedinhos rosados e afilados a xícara de porcelana japonesa, que levou aos lábios com o prazer ingênuo de uma criança que bebe ou come algo que adora.

Ao mesmo tempo, entraram duas mulheres, carregando outras duas bandejas cheias de sorvetes, que depositaram sobre duas mesinhas destinadas a esse fim.

– Meu caro anfitrião, *signora* – disse Albert em italiano –, desculpem minha estupefação. Estou completamente aturdido e é muito natural. Eis-me no Oriente, no verdadeiro Oriente, infelizmente não tal como o vi, mas tal como o sonhei, no coração de Paris. Ainda há pouco eu ouvia passar os ônibus e o tintilar das campainhas dos vendedores de limonada. Oh, *signora*, que pena eu não falar grego! Sua conversa, juntamente com esse ambiente feérico, me proporcionaria uma noite inesquecível!

– Falo italiano bastante bem para conversar com o senhor – disse Haydée tranquilamente –, e farei o que puder, já que gosta do Oriente, para que o encontre aqui.

– Do que posso falar? – perguntou baixinho Albert a Monte Cristo.

– De tudo que quiser: do seu país, da sua juventude, das suas recordações. Depois, se preferir, de Roma, Nápoles ou Florença.

– Oh – disse Albert –, não valeria a pena estar diante de uma grega para lhe falar de tudo o que falaria a uma parisiense. – Deixe-me falar-lhe sobre o Oriente.

– Claro, meu caro Albert, este é o assunto que ela mais aprecia.

Albert se virou para Haydée.

– Com que idade a *signora* deixou a Grécia? – perguntou.

– Com cinco anos – respondeu Haydée.

– E ainda se lembra da sua pátria? – perguntou Albert.

– Quando fecho os olhos, revejo tudo o que vi. Existem dois olhares: o olhar do corpo e o olhar da alma. O olhar do corpo pode às vezes esquecer, mas o da alma sempre se lembra.

– E qual é o tempo mais distante de que se recorda?